

1. INTRODUÇÃO

Questões de gênero, sexualidade e relações amorosas são temas que vêm sendo amplamente discutidos por diferentes teóricos das ciências sociais e humanas, bem como pelo público leigo em geral. Há, por exemplo, um grande interesse quanto às dificuldades que homens e mulheres têm encontrado no que tange o estabelecimento e a manutenção de relacionamentos afetivos, sejam eles namoros, casamentos ou quaisquer outros *arranjos* mais modernos.

Embora diversos aspectos do universo feminino venham sendo estudados por um grande número de pesquisadores há várias décadas, até os anos oitenta poucos autores haviam se interessado pelas questões masculinas e a escassez de trabalhos sobre masculinidade foi assinalada em Nolasco (1988), Goldenberg (1991) e Breen (1993), por exemplo.

Curiosamente, durante o período de exaltação feminista, verificaram-se inúmeras críticas à psicanálise devido à sexualidade feminina ter sido por ela abordada a partir de uma perspectiva masculina. A cultura patriarcal, mesmo em declínio, inevitavelmente deixou suas marcas na teoria psicanalítica e, portanto, tornaram-se comuns os comentários sobre a dificuldade de Freud em compreender o universo feminino. É bem verdade que o próprio Freud admitiu esta limitação em diferentes artigos de sua obra. Em *Análise Leiga* (1926), por exemplo, ao referir-se mais uma vez à *inveja do pênis*, ele afirma que “a vida sexual das mulheres adultas constitui um *continente negro* para a psicologia”. Desta forma, pode-se inferir que, em decorrência de uma suposta maior facilidade de Freud em compreender o universo masculino este foi por ele deixado em segundo plano e a psicanálise nasceu justamente de suas questões com relação à feminilidade. Foi, portanto, o seu empenho em desvendar os mistérios da vida feminina, bem como o grande interesse em explicar a histeria, que o colocou no caminho que deu origem ao desenvolvimento de toda sua obra.

Vale notar que em publicação dedicada à problemática de gênero, com artigos de autores de diferentes orientações psicanalíticas, e cuja maioria dos capítulos permanece sendo sintomaticamente dedicada à sexualidade feminina, Breen (1993) refere-se à escassez de trabalhos voltados à sexualidade masculina e acrescenta que “a compreensão da masculinidade veio na esteira dos debates sobre

feminilidade”. Parece-nos, assim, que um aparente desinteresse pela masculinidade, talvez inicialmente dada como óbvia, somado ao entusiasmo dos psicanalistas em tentar elucidar o que havia de obscuro com relação às mulheres, resultou em ter sido deixado na sombra muito do que, hoje, buscamos conhecer sobre os homens.

Já observamos, contudo, um considerável aumento nos estudos voltados tanto à sexualidade quanto à revisão dos papéis masculinos tradicionais e o questionamento dos estereótipos de masculinidade deu origem ao que Nolasco (1988, 1993) denominou *crise de masculinidade*. Este fenômeno é tratado em Cuschnir (1999 e 2000) e Cuschnir e Mardegan Jr. (2001) como *masculismo*, sendo que o tema dos novos papéis masculinos tem sido, igualmente, alvo de freqüentes matérias em jornais e revistas, nos quais a expressão mais comumente empregada é o *novo homem*.

É importante salientar que a atual discussão sobre as questões masculinas só emergiu mais consistentemente após o amadurecimento de algumas propostas articuladas pelo feminismo e pelo movimento *gay*, que se destacaram no combate a todo um conjunto de valores preconceituosos e crenças estereotipadas sobre gênero e sexualidade. Tendo como eixo central a revisão de atitudes sexistas estes movimentos reivindicaram o reconhecimento dos direitos de todos os indivíduos independente de sexo biológico ou orientação sexual. Acrescentamos, ainda, que as lutas por liberdade e igualdade remontam à Europa, em particular à França, do século XVIII, de modo que, evidentemente, o ideário individualista contribuiu sobremaneira para que as diferenças individuais fossem não apenas aceitas, mas também valorizadas.

Uma série de transformações de cunho social e cultural vêm sendo igualmente acompanhadas e, em alguns casos, até estimuladas por novas descobertas no campo da medicina e da genética, afetando uma parcela considerável de sociedades ocidentais, nas quais o cotidiano de homens e mulheres tem sido aceleradamente redefinido. Os métodos de inseminação artificial, por exemplo, introduziram possibilidades até então impensáveis e, além dos inúmeros casos de famílias monoparentais, *produções independentes* e famílias reconstituídas, a união entre pessoas de mesmo sexo vem sendo

gradativamente legalizada em diferentes países, bem como a adoção de crianças tanto por homossexuais solteiros como por casais homossexuais.

Vivemos, portanto, numa época em que ideologias dominantes têm sido questionadas principalmente no plano social, mas também no plano político e, às vezes, até econômico, repercutindo nas artes, nas relações de trabalho, na estrutura familiar e na intimidade das relações afetivas. É neste contexto de profundas e múltiplas transformações que a masculinidade é debatida e repensada por diversos autores, seja a partir de um enfoque psicológico, antropológico, sociolinguístico ou sociobiológico. Embora muito seja dito a respeito de novas representações de masculino e novas formas de *ser homem*, muitos homens permanecem numa postura de certa forma acomodada, quase como meros espectadores de um intrincado processo no qual não se percebem verdadeiramente implicados.

Na esfera familiar, observa-se um número ainda reduzido de homens realmente mobilizados pela alteração de suas rotinas, no sentido de participarem mais intensamente do cotidiano doméstico e dos cuidados com os filhos. Ainda assim, quando há participação masculina, ela se dá apenas como um reflexo de demandas das mulheres. Sob o signo da “ajuda”, estas atividades são desempenhadas como se fossem gentilezas, uma vez que ainda são compreendidas por muitos, inclusive mulheres, como sendo “naturalmente femininas” (Jablonski, 1995, 1996 e 1999). Uma minoria talvez ainda menos expressiva apresenta-se de fato engajada em encontrar novas formas de *estar no mundo* para além dos papéis socialmente prescritos. Para estes, o exercício da paternidade, por exemplo, surge como uma possibilidade de vivência masculina que vem sendo redescoberta e reinventada por alguns homens de forma muito prazerosa.

É mais comum encontrarmos, no entanto, uma defasagem entre um discurso pautado por elementos de modernidade e uma atitude ainda conservadora (Nolasco, 1993; Goldenberg, 1997; Jablonski, 1999). Este distanciamento entre comportamento e atitude reflete a coexistência de ideais e normas contraditórias que constituem aquilo que Figueira (1987) chamou *desmapeamento* e que tivemos a oportunidade de observar em outro estudo (Wang, 2001). Lidar com a tensão entre valores arcaicos e ideais modernos parece ser, portanto, uma das principais tarefas que se impõem aos homens na atualidade.

Coincidentemente, ou talvez por isso mesmo, o padrão de masculinidade que vigorava inquestionável até há bem pouco tempo atrás entrou em *crise* justamente num momento em que somos todos, mulheres e homens, levados a desempenhar mais e mais papéis que exigem muita criatividade e flexibilidade não só intelectual, mas também emocional. Como parte desta tendência, somos todos instados a utilizar o máximo de nossas potencialidades humanas, isto é, tanto femininas quanto masculinas.

As mulheres já vêm adaptando suas vidas de modo a ocupar espaços até então ocupados exclusivamente pelos homens e já encontraram alguma inserção no mundo público.¹ Testemunhamos também o gradual acesso de alguns homens ao universo privado, apesar de um número considerável ainda apresentar uma certa resistência em participar efetivamente do universo privado em toda sua dimensão, isto é, uma dimensão que, para além da assunção de responsabilidade por tarefas domésticas, inclui sobretudo o aspecto afetivo.

No plano das relações amorosas, são comuns as referências a homens aparentemente perdidos e assustados diante de uma *nova mulher*, supostamente-maravilhosa, que tudo pode e tudo exige. De um lado, fala-se de homens que não sabem como ou o quê fazer para agradar uma mulher, de outro, fala-se de homens que só sabem se aproximar sexualmente das mulheres, sem que consigam realizar a entrega afetiva.

As tensões entre os estereótipos tradicionais e os *novos* esterótipos são também representadas, por vezes comicamente, em diversas personagens do cinema e do teatro, bem como da programação televisiva, e é provável que, mesmo as imagens mais caricaturadas não se afastem completamente do que se observa em alguns casos da vida real. Ou seja, mesmo que alguns homens transitem livremente num mundo repleto de novas possibilidades identitárias, outros talvez vejam-se, de fato, perplexos diante da necessidade de desempenhar papéis menos tradicionais em que o exercício pleno da masculinidade nas relações com o mundo e, sobretudo, com as mulheres não se limite ao mero exercício da

¹ Dados da última PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) desenvolvida pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) durante o ano de 2002 e divulgados em 10 de outubro de 2003 revelam que o índice de analfabetismo feminino é mais baixo que o masculino, o percentual de mulheres com mais de 10 anos de instrução é 3,1% superior ao de homens e, apesar da taxa de desemprego feminino permanecer mais elevada, ela vem sendo reduzida desde 1997,

condição de *macho*. Para estes, a conquista de um lugar como *homem* ainda deverá exigir algumas batalhas contra clichês e estereótipos que aprisionaram homens e mulheres ao longo de boa parte da história da humanidade. Por esta razão, é possível que a principal luta a ser travada por grande parte deles seja contra a dificuldade em reconhecer e lidar com suas próprias emoções. Mais do que a uma demanda estritamente feminina, é provável que, hoje, esta empreitada atenda também a uma necessidade legitimamente masculina que já pode até ter sido conquistada por muitos homens.

Assim sendo, no presente estudo buscamos observar a influência dos estereótipos masculinos na vida afetiva de alguns homens da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Interessamo-nos principalmente por observar como estes estereótipos impactam a comunicação do sentimento amoroso por parte dos homens entrevistados às suas parceiras. Nossa intenção foi verificar até que ponto a tão propalada idéia de que os homens não falam sobre sentimentos e emoções realmente se aplica à experiência masculina contemporânea. Para tal, realizamos um levantamento bibliográfico a respeito do tema, que nos possibilitou montar um breve estudo de campo, através do qual foi possível chegar a uma visão, ao menos parcial, de como alguns homens da classe média carioca experimentam e expressam o sentimento amoroso em relações afetivas heterossexuais.

Lembramos que estaremos falando sempre do ponto de vista do exame de um fenômeno social que, sem dúvida alguma, tem repercussões não necessariamente idênticas nas subjetividades individuais. Mas é preciso frisar ainda que, independentemente das histórias pessoais poderem acrescentar diferentes nuances à forma como cada sujeito se percebe em suas interações amorosas, estaremos enfocando sobretudo o que há de comum nas vivências desta parcela de homens que escolhemos estudar.

As idéias desenvolvidas neste trabalho estão organizadas como se segue. No capítulo 2, apresentamos um levantamento sobre os estudos de gênero no que tange o objeto de nossa pesquisa. Em particular, discutimos alguns posicionamentos teóricos sobre a formação de estereótipos bem como sua evolução no tempo. No capítulo 3 analisamos a problemática da construção da

enquanto o desemprego masculino só apresentou melhora a partir do último ano. Contudo, a mão-de-obra feminina continua sendo pior remunerada.

identidade masculina e as novas possibilidades de subjetivação que têm surgido na atualidade. O capítulo 4 trata das visões de diferentes autores acerca de como homens lidam com a expressão de seus sentimentos, especialmente no que diz respeito aos relacionamentos amorosos. Apresentamos alguns estudos que apontam a importância da comunicação nas parcerias conjugais e, em seguida, procuramos também aquilatar a influência das demandas de “feminização” senão do homem, mas talvez da própria sociedade como um todo. No capítulo 5 é apresentado um estudo de campo que teve por base 12 entrevistas realizadas com homens heterossexuais de classe média da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, com idades entre 24 e 30 anos e 40 e 47 anos. Finalmente, no capítulo 6 apresentamos nossas conclusões a respeito do universo estudado.